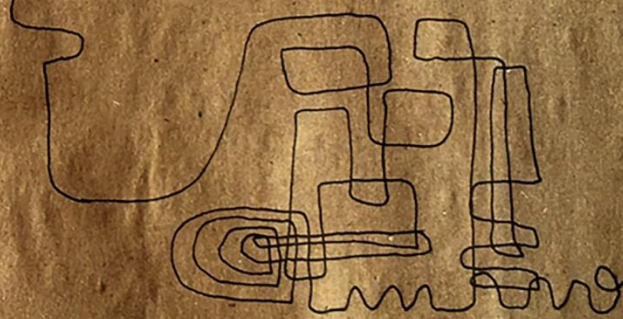


||||| ||| ||| |||
julliano mendes

Ouro
Preto
Editora

p 223



12PONTO223B

Julliano Mendes

12ponto223b

Título original

12PONTO223B, de Julliano Mendes

1. Literatura dramática
2. Dramaturgia brasileira
3. Teatro brasileiro

Julliano Mendes
www.jullianomendes.com (Julliano com dois L's)
gruporesidencia@gmail.com

Sumário

A ficção pode tudo?.....	5
12ponto223B.....	9
DRAMATURGIA DE JULIANO MENDES.....	96

A ficção pode tudo?

Estamos em fins de 2018. Vivemos tempos de crescente envolvimento político no Brasil. As redes sociais, os disparos em massa e as notícias falsas possibilitaram uma reconfiguração das forças partidárias. Em um país fragmentado e inflamado, eu estava do lado dos que viveram este momento com profundo amargor. Ocorreu-me, como contador de histórias, a vontade de falar de política, mas sem condicionar a ficção a meu viés socialista. Eu não queria, também, defender ou contrapor posições. E, ainda, não me interessava uma pesquisa histórica nem biográfica. Eu não queria falar de políticos. Decidi, portanto, investigar os motores humanos que fazem com que tantas pessoas se aliem a práticas que, de fora, condenariam. E, mais: outro dia me alertaram que, para cada político corrupto, há diversos funcionários corruptos, porque a engrenagem pública dos contratos e serviços não é corruptível por si. Ou seja, que um único corrupto representa uma rede de contatos estrategicamente montada e que funciona coordenadamente, extorquindo prefeituras, estados e o país.

Foi desta imagem que parti, da rede hipotética, mas provável, que se ramifica nos serviços públicos, nos escritórios de contabilidade e de advocacia, nas salas de reunião das grandes empresas, onde a partilha espúria do dinheiro público ganha vulto. Imaginei o coração administrativo deste esquema e passei a contar a história de pessoas. Na medida do possível, sem julgá-las, porque é óbvio que, para quem está de fora, há um juízo de valores, natural e necessário. Este é o papel do espectador. Acredito numa ética fugidia da obra de arte. A ficção pode tudo. Espelhar a realidade sem ressalvas. Combater a realidade. Negar a realidade.

O esquema, no enredo, é comandado por Andrea, uma mulher que justifica sua postura como se a classe dos que se alimentam da soma imensa de dinheiro que escorre nos esgotos da cor-

rupção cumprisse qualquer função social, histórica. A ficção pode tudo mesmo, Julliano Mendes? Em contraponto a Andrea, já consolidada no esquema, surge o casal Carla e Bruno e seu desejo inequívoco de ascensão social. Esta história começa no dia em que eles vão se juntar à rede. Esta é, portanto, uma história sobre a ambição. A ambição é inerente ao homem? Complementa a trama Rafael, funcionário experiente e dedicado, quase invisível, a mão de obra do esquema, sem o qual, tudo ruiria.

Há alguns meses, conheci Brasília (ainda estamos em 2018). Embasbacado com a espetacular aventura humana sobre a terra, que nos permite planejar e construir cidades e lagos no meio do nada, ratificando utopias, comecei a projetar a capital do país como um imenso reino. Haveria, para a história, diferença entre as perucas brancas das cortes francesas de Luis XV e os ternos e gravatas (custeados com o absurdo “auxílio paletó”) dos palácios brasilienses? Propus uma digressão que chega às raias da selvageria: no auge de seu entorpecimento, as personagens do drama regridem a uma suntuosidade clássica. Ao séc. XV. Não é uma tentativa de sublimar a corrupção, como se ela fosse intrínseca à própria ideia de viver em sociedade, ou um devir mais forte que a razão. É uma tentativa de investigar a ambição a partir de seu valor dúbio, um ato que é negativo e positivo, ética própria e derrocada da ética. Um ato histórico. É assim nas melhores famílias. Você, você mesmo, o que seria capaz de oferecer em nome das coisas que deseja? E o que não oferecia de forma alguma? Por vaidade? Ou ética.

Para concluir é importante que eu sublinhe que este é mais um texto em que pratico a dramaturgia cruzada, com diálogos se sobrepondo, gerando novas possibilidades de entendimento e assimilação do enredo. Condicionado, em 12ponto223b, a uma situação mais próxima do naturalismo – pelo menos até que se revelem os segredos das personagens em foco – o cruzamento,

ainda que em menor intensidade do que em textos como “O Queijo – Uma Comédia Sórdida” e “Uma Novela Masculina”, se apresenta como um desafio para os atores e para a encenação, porque exige, muitas vezes, a elaboração das réplicas num tempo não natural. Pode ser necessário que se desenvolvam pequenas ações para preencher os tempos em suspensão. Ou então que se adote a suspensão como proposta. Ou que se encavale as réplicas, o que exigiria, penso, maior rigor no controle rítmico da encenação. Porque os diálogos se cruzam e se descruzam, e depois se alternam. Para o público, no entanto, minha sensação é que é mais fácil assimilar os diálogos, porque ele recebe as informações em um ciclo único. Uma vez habituado ao ritmo, não existe dificuldade de assimilação. Ou pode existir. É uma escolha.

Ah! E porque esse título, 12ponto223b, enigmático e complexo? Será simples e óbvio demais quando revelado. Arrisca um palpite?

Julliano Mendes*



** Julliano Mendes é ator, diretor e dramaturgo. É mestre em Estudos da Linguagem pelo departamento de letras da Universidade Federal de Ouro Preto, onde defendeu a dissertação “Do íntimo ao público: adaptação de textos não dramáticos para o teatro”. Fundou, em 2001, o Grupo Residência Teatro e Audiovisual, em grupo ainda ativo. Autor do romance “Um Circo”, recém-lançado pela Editora Ouro Preto, é autor de mais de uma dezena de textos teatrais. Sua obra literária está reunida no site www.jullianomendes.com, atente-se que Julliano é com dois L’s.*

12ponto223B

PERSONAGENS:

Carla
Bruno
Andrea
Rafael

CENÁRIO:

Apartamento de Andrea. Há, pelo menos, três portas: a da sala, do banheiro e da cozinha.

Toque de campainha. Tempo. Toque novamente. Tempo. Só se ouve as vozes, as personagens estão atrás da porta.

CARLA - Você confirmou que viríamos, Bruno?

BRUNO - Você e essa maldita mania de duvidar de mim...

CARLA (irônica) - Eu? Duvidar de você?

BRUNO - Acho que é melhor irmos embora...

CARLA - Por quê? Você não confirmou?

BRUNO - Tem uma coisa no seu cabelo...

CARLA - Uma coisa? Que coisa?

BRUNO - Uma formiga!

CARLA - Tira! Tira!

BRUNO - Tirei!

CARLA - Será que tem mais?

BRUNO - Acho melhor irmos embora...

CARLA - Embora? Se você falou que confirmou, então confirmou. Eu acredito em você.

Toque de campainha novamente.

BRUNO - Eu te pedi tanto pra não trazer flores, Carla.

CARLA - Você confirmou, Bruno?

BRUNO - Acho que não tem ninguém.

CARLA - Vou enfiar essas flores no seu cu!

BRUNO - Olha aqui, Carla. Lê aqui, ó! Caralho!

Tempo. Ela lê.

CARLA - Não sabia que você chamava a Andrea de Deia.

BRUNO - Todo mundo chama Andreia de Deia.

CARLA - Eu não.

BRUNO - Será que ela se esqueceu?

CARLA - Ela quem? A Deia?

BRUNO - Eu vou embora!

CARLA - Leva meu casaco. Tá quente.

BRUNO (se afastando) - Você acha mesmo que tem alguém nessa casa?

CARLA - Olá, Deia. Escrevo pra confirmar a reunião para tratar de assuntos beta. Olá, querido. Confirma. Em minha casa, duas da manhã. Bê jota.

BRUNO (mais distante) - Falo com ela na segunda.

CARLA - Não sairei daqui, querido!

Toca alucinadamente a campainha. Vem entrando uma mulher, parece sonâmbula.

BRUNO (volta) - Você não vai, né?

CARLA - Bruno, cansei de esperar essa oportunidade.

BRUNO - Deixa comigo, Carla!

CARLA - Se deixar, a gente não resolve nunca!

BRUNO - Vamos embora daqui, porra!

CARLA - Me larga!

BRUNO - Ai! Essa flor tem espinho...

Tempo. Começa um barulho de chuveiro.

CARLA - Ó! Estou ouvindo barulho de chuveiro.

BRUNO - Acordamos ela!

CARLA - Acordamos ela?

BRUNO - Como?

CARLA - Se tiver qualquer dúvida em como empregar corretamente o português, deixa que eu fale.

BRUNO - Porra, tá sangrando!

Andrea abre a porta. Traja roupas clássicas, de corte francesa do séc. XV.

ANDREA - Pois não.

Bruno se recompõe.

CARLA (a Andrea) - Boa noite, Deia, querida!

Carla a abraça, mas ela não esboça reação.

BRUNO (a Andrea) - Olá, Deia! Acordamos você, né?

ANDREA - Estejais bem. Minha porta será vosso regozijo. Entrai.

CARLA (a Bruno) - Ela... está... dormindo?

BRUNO (a Carla) - Deia...

ANDREA - Aqui se destila a fina flor da elite deste país.

CARLA (a Bruno) - Isto é uma brincadeira?

BRUNO - Obrigado, Deia. (A Carla) Entra porra.

CARLA (a Andrea) - Ó, Deia: eu trouxe flores...

BRUNO (a Carla) - Cuidado com essa merda.

Ele está sangrando.

ANDREA - Aqui se cumpre o destino honorável de um povo. Aqui se prova que somos, sim, afeitos às maiores virtudes a que o corpo humano pode estar sujeito. Toda a espécie se regozija em nós. Há algo de sagrado em nossa estirpe.

Ela pega uma das flores e a come.

BRUNO - Que merda é essa?

CARLA (a Bruno) - Acho melhor irmos embora daqui...

BRUNO - Porra, minha mão está doendo.

CARLA (a Bruno) - Você sabe onde é o banheiro?

ANDREA (com a boca cheia de flores) - Eu trocaria todas as minhas regalias pelas vossas dores. Este cheiro de sangue me preenche a imaginação.

CARLA (a Bruno) - Acho que é aquela porta à direita.

BRUNO (a Carla) - Porque a gente não foi embora, porra?

CARLA (a Bruno) - Você combinou com ela, caralho. Esse horário!

BRUNO (a Carla) - Aquela porta ali, ó?

CARLA (a Bruno) - Tá manchando o tapete, porra!

Andrea, ainda comendo flores, se abaixa para sentir o gosto do sangue.

ANDREA - Alicerça meus receios todos este vosso ímpeto: seremos melhores depois disso? Ou piores?

CARLA (a Bruno) - Ela está lambendo o chão, Bruno!

BRUNO (a Carla) - Vamos embora, pelo amor de deus!

CARLA (a Bruno) - Lava essa mão, primeiro, porra! Não quero meu carro manchado de sangue.

BRUNO (a Carla) - Quem mandou trazer flores, caralho?

CARLA (a Bruno) - Ela gostou.

Quando Bruno abre a porta do banheiro surge Rafael, com um balde d'água.

RAFAEL - Com licença. Com licença!

Vai até Andrea e joga toda a água sobre ela. Tempo. Andrea cospe as flores.

ANDREA - Ai... que merda é essa? Que merda é essa?

RAFAEL (a Andrea) - De novo, meu amor...

ANDREA - Quem foi o filho da puta que me trouxe flores?

RAFAEL (a Andrea) - Você teve de novo, meu amor.

ANDREA - Caralho, preciso de meu polaramine, agora.

RAFAEL (a Andrea) - Quer que eu busque pra você?

CARLA (a Andrea) - Olá, Andrea, eu...

ANDREA (a Carla) - Quem é você???

RAFAEL (a Andrea) - Eu busco pra você.

BRUNO (a Andrea) - Essa é a minha mulher, Andrea...

CARLA (a Bruno) - Deia.

ANDREA (a Bruno) - Você está sangrando!

CARLA (a Andrea) - Muito prazer, Andrea...

BRUNO (a Carla) - Deia.

ANDREA (a Rafael) - Rafael, deixe que eu busque o polaramine, ajude o Bruno com o sangramento.

RAFAEL (a Bruno) - Vem aqui, deixa eu te ajudar...

Rafael conduz Bruno para o banheiro. Assim que entram na porta só se ouve a voz deles. Andrea vai até a cozinha. Assim que entra na porta da cozinha também só ouvimos sua voz.

BRUNO (a Rafael) - Obrigado.

CARLA (gritando, a Andrea) - Desculpe, Andrea, vocês

combinaram, eu...

ANDREA (gritando, a Carla) - Carla?

CARLA (idem) - Sim, Carla.

RAFAEL (a Bruno) - Quanto sangue!

ANDREA (idem) - Sente-se ali, Carla.

BRUNO - Detesto flores.

CARLA (idem) - Onde? Ali?

RAFAEL (a Bruno) - Coloque a mão sob a água corrente.

ANDREA (idem) - Ali, não! Na outra.

CARLA (idem) - Esta?

BRUNO - Ai!

ANDREA (idem) - Isso. Agora olhe ali pra cima. Tem uma câmera logo acima daquele Rembrandt.

RAFAEL (a Bruno) - Acho que o espinho tá na sua mão ainda...

CARLA (idem) - Daquele o quê?

BRUNO - Filho da puta!

ANDREA (idem) - Daquele quadro com um homem de bigodes, tá vendo?

CARLA (idem) - Vi.

RAFAEL (a Bruno) - Vou tentar tirar.

ANDREA (idem) - Não! Não olhe diretamente pra a câmera.

BRUNO (a Rafael) - Vai devagar.

ANDREA (idem) - Olhe para o quadro.

BRUNO - Ai!

ANDREA (idem) - Vá ali e se aproxime dele, como se soubesse quem foi Rembrandt.

RAFAEL (a Bruno) - Deixe de ser mole, rapaz!

BRUNO (a Rafael) - Deixa que eu tire.

RAFAEL (a Bruno) - Calma...

BRUNO (a Rafael) - Ó: tirei!

CARLA (idem) - Já vi a câmera.

RAFAEL (a Bruno) - Parabéns.

ANDREA (idem) - Volte para sua cadeira.

BRUNO (a Rafael) - Você é o marido de Andrea?

RAFAEL (a Bruno) - Digamos, que sim.

ANDREA (idem) - Esqueci seu nome...

CARLA (idem) - Carla.

RAFAEL (a Bruno) - Você é o Bruno, não é?

ANDREA (idem) - Não escutei.

BRUNO (a Rafael) - Deia já te falou de mim?

CARLA (idem) - Meu nome é Carla.

RAFAEL (a Bruno) - Ela confia muito em você.

CARLA (idem) - Já me sentei novamente.

BRUNO (voltando para a sala) - Engraçado. Ela nunca me falou de você.

ANDREA (idem) - Olhe aí para a mesa do centro. Consegue ler uma frase?

CARLA (idem) - Consigo.

RAFAEL (a Bruno) - É fundamento da profissão de Deia saber mais das pessoas que as pessoas dela. Você a chama de Deia?

BRUNO (a Rafael) - Sim.

RAFAEL (a Bruno) - Então ela realmente confia em você, Bruno.

ANDREA (idem) - Desculpe, acabei de tomar meu remédio.

Carla faz uns gestos para Bruno, querendo entender o que está acontecendo, enquanto Rafael ainda está no banheiro.

ANDREA (idem) - Leia esta frase e a repita mentalmente. Se tiver alguma dúvida, consulte-a discretamente. Você é jornalista, né?

BRUNO (gritando, a Andrea) - Uma excelente jornalista, Deia.

Carla vai fazer mais uns gestos, mas Rafael surge novamente na sala.

RAFAEL (gritando, a Andrea) - Melhor, meu amor?

ANDREA (voltando) - Eu não tenho dúvidas, Bruno.

CARLA (a Andrea) - Tomou seu remédio?

ANDREA (a Carla) - Tomei e estou melhor. Pois bem, a partir de agora preciso de total silêncio. Vou acionar a câmera. Sente-se ali do lado dela, Bruno. Meu amor, fique ali. Ali, ó. Isso. Assim que começarmos, balance o mínimo possível sua cabeça. Retese o pescoço. Isso. Com classe. Ótimo. Bom, agora preciso do mais absoluto silêncio.

CARLA (a Andrea) - Porque Bruno não precisa passar por esse mesmo procedimento?

ANDREA (a Carla) - Porque ele já esteve aqui.

CARLA (a Bruno) - Você já esteve aqui, Bruno?

ANDREA (a Carla) - Foi você que me trouxe flores, Carla?

CARLA (a Andrea) - Podemos começar o procedimento?

ANDREA (a Carla) - O sistema é acionado por voz. Então, espere até que eu fale 'rec', ok?

CARLA (a Andrea) - Um minuto. O texto é esse, mesmo?

ANDREA (a Carla) - Sim. Algum problema?

CARLA (a Andrea) - Nenhum. Vamos lá.

Repassa o texto em pensamento.

CARLA (a Andrea) - Ok.

ANDREA - 3...2...1... Rec!

CARLA - A uma tristeza hoje não porei fim. Minha vida me invade o peito. Aos que amo e me amam, a minha alegria profunda. Tenho escolha. Agradeço a deus.

Tempo.

ANDREA - Corta.

RAFAEL - Vou mandar pra edição.
Rafael sai.

ANDREA (a Carla) - Seu marido não te contou que eu não gosto de flores, Carla?

CARLA (a Andrea) - Tem muitas coisas que meu marido não me contou.

Andrea vai até Carla e a abraça.

ANDREA (a Carla) - Muito prazer, minha querida. Desculpe esta maneira de te receber pela primeira vez em minha casa, viu? É necessário precaver-se de... Ó! Desculpa! Molhei você.

CARLA (a Andrea) - Acho que sim...

BRUNO (a Andrea) - Deia, querida. Nem sabe o quanto é importante pra mim... pra nós, que nos dê a honra de nos receber aqui.

ANDREA (a Bruno) - Não vai nem me dar um abraço?

BRUNO (a Andrea) - É claro que sim.

Abraçam-se com muita intimidade.

ANDREA (a Bruno) - É impressão minha ou você engordou?

CARLA (a Andrea) - Não é impressão sua, não.

ANDREA (a Bruno) - Ó! Molhei você!

BRUNO (a Andrea) - Não se preocupe. Tá calor, né?

CARLA - Muito calor.

ANDREA (a Bruno) - Faz um favor, meu querido. Ajuda-me a tirar esse vestido molhado. Isso. Assim. Ai! Obrigado! Isso me liberta, sabia?

Bruno e Carla visivelmente constrangidos.

ANDREA - Quer saber? Acho que vocês deveriam fazer o mesmo.

CARLA (a Andrea) - Ah! Quer dizer, é melhor não. Digo, não viemos preparados para...

Bruno está tirando a roupa.

CARLA (a Bruno) - Bruno!

BRUNO - Tá calor.

ANDREA (a Carla) - Deixa eu te ajudar, meu bem.

CARLA (a Andrea) - Pode deixar.

ANDREA (a Carla) - Eu faço questão.

CARLA (a Andrea) - Definitivamente, não precisa. Eu...

BRUNO (a Carla) - Deixa ela te ajudar, Carla!

ANDREA (a Carla) - Você está com medo de mim, meu amor?

CARLA (a Andrea) - Pode abrir o fecho e cler pra mim, por favor?

ANDREA (a Carla) - É claro. Vem cá. Bonito esse vestido. Gosto. (A Bruno) Você também gosta, Bruno?

CARLA (a Andrea) - Ele não gosta. Acha curto demais.

BRUNO (a Andrea) - Como você pode perceber, ela gosta de responder as coisas por mim.

ANDREA - Que bonito o corpo de sua esposa, Bruno...

Andrea está quase bolinando Carla.

BRUNO (a Andrea) - Minha esposa é linda, Deia.

CARLA (a Andrea) - Seu marido também é um homem bonito.

ANDREA - Meu marido?

BRUNO (a Andrea) - Você estava dormindo quando chegamos, Deia?

ANDREA (a Bruno) - Não se esqueça de tirar as coisas do bolso, heim?

CARLA (a Andrea) - Já deixei minha bolsa ali naquela mesa.

BRUNO (a Carla) - Ela estava falando comigo.

ANDREA (a Bruno) - Você realmente gosta de responder as coisas por ele, heim?

CARLA (a Andrea) - Ele é meio lento.

ANDREA (a Carla) - A lentidão tem suas vantagens...

BRUNO (a Andrea) - Tiro a cueca também?

ANDREA (a Bruno) - Só se você quiser muito.

CARLA (a Andrea) - Mas ele não quer. (A Bruno) Você não quer, não é Bruno.

BRUNO (a Carla) - Ainda não.

ANDREA (a Carla) - Que corpo o seu.

BRUNO (a Andrea) - Obrigado.

CARLA (a Bruno) - Ela estava falando comigo.

ANDREA (a Bruno) - Sim, Bruno. Eu, definitivamente, estava falando com ela.

BRUNO (a Andrea) - Minha mulher é, definitivamente, linda.

ANDREA (a Carla) - Espera... tem uma coisa aqui nas suas costas...

CARLA (a Andrea) - Ai, meu deus... o que é?

ANDREA (a Carla) - Uma formiga!

CARLA (a Andrea) - Tira! Pelo amor de deus! Tira!

Andrea tira a formiga e pisa nela.

ANDREA (a Carla) - Pronto.

CARLA (a Andrea) - Obrigado, Deia.

ANDREA - Rafael! Rafael!

Rafael entra correndo, quase assustado. Também está seminu.

RAFAEL (a Andrea) - Pois não, meu amor...

ANDREA (a Rafael) - Pegue as roupas deles, por favor. Pode levar.

CARLA (a Andrea) - Levar pra onde?

RAFAEL (a Bruno) - Você tirou as coisas dos bolsos?

ANDREA (a Rafael) - Você acredita que ela pensou que você fosse o meu marido?

Andrea e Rafael riem.

BRUNO (a Rafael) - Tirei.

CARLA (a Rafael) - Levar as roupas pra onde?

RAFAEL (a Carla) - Não se preocupe. Todo mundo acha.

ANDREA (a Rafael) - Eu diria que você é uma espécie de marido.

BRUNO (a Carla) - Vão secar nossas roupas, Carla. Não se preocupe.

RAFAEL (a Andrea) - Eu diria que a espécie de marido aqui, é você, meu amor.

CARLA (a Bruno) - Você tem certeza que vão secá-las, Bruno?

ANDREA (a Rafael) - Sou mesmo!

BRUNO (a Carla) - Não, não tenho.

RAFAEL (a Carla) - Não se preocupe, senhora. Seu vestido está em boas mãos.

ANDREA (a Carla) - É um Versace?

CARLA (a Andrea) - 2014.

ANDREA (a Rafael) - Minha esposa vai cuidar dele como se fosse dela, não é Rafael?

RAFAEL (a Carla) - Pode ter certeza.

ANDREA (a Bruno) - Sim, Bruno.

BRUNO (a Andrea) - Sim?

ANDREA (a Bruno) - Eu estava dormindo quando vocês chegaram.

BRUNO (a Andrea) - Ai, perdão...

CARLA (a Bruno) - Não se preocupe, meu amor. Pelo que estou entendendo, não poderia haver hora mais apropriada.

ANDREA (a Carla) - Vejo que você compreende as coisas rápido.

BRUNO (a Andrea) - Minha esposinha é muito perspicaz.

CARLA (a Bruno) - Onde foi que você aprendeu essa palavra?

ANDREA - Vejo que vocês precisam discutir a relação.

BRUNO (a Carla) - Perspicaz?

CARLA (a Andrea) - E você precisa se secar, querida.

ANDREA (a Carla) - Ele estava falando com você.

BRUNO (a Andrea) - Obrigado, querida.

CARLA (a Andrea) - Eu sei.

BRUNO (a Andrea) - Ela sabe que eu adoro quando ela me ignora.

ANDREA (a Andrea) - Eu também.

CARLA (a Andrea) - Você também, o quê?

BRUNO (a Andrea) - Eu também acho que você precisa se secar.

ANDREA - Muito perspicazes, vocês dois.

CARLA (a Andrea) - Você não imagina o quanto.

ANDREA (a Carla) - Gostei de você.

CARLA (a Andrea) - É?

ANDREA (a Carla) - É. Raramente gosto de alguém na primeira vez.

BRUNO (a Andrea) - Você não sabe o quanto isso significa pra nós, Deia.

ANDREA (a Carla) - Abre aqui o meu sutiã, pra mim.

BRUNO (a Andrea) - Sou péssimo em...

CARLA (a Bruno) - Ela está falando comigo.

BRUNO (a Carla) - Ah! Sim.

Tempo. Carla está desabotoando o sutiã de Andrea.

ANDREA (a Carla) - Eu só tenho namorado por isso, pra desabotoar meu sutiã. Evoluímos tanto e o sutiã ainda é essa merda. Tive um estiramento nos músculos do ombro, acredita?

CARLA (a Andrea) - Bonita essa sua tatuagem. O que quer dizer?

ANDREA (a Carla) - Você sabe o que está fazendo aqui, não sabe?

CARLA (a Andrea) - Acho que sim.

ANDREA (a Carla) - Acha?

BRUNO (a Andrea) - Sim. Ela sabe.

CARLA (a Andrea) - Ele também consegue responder as coisas por mim.

ANDREA - Vou tomar um banho. Está quente essa noite. E vai ficar mais. Quente. Vocês estarão preparados quando a casa de vocês, a roupa de vocês, o cabelo, começar a pegar fogo?

BRUNO (a Andrea) - Nunca ninguém esteve mais preparado, Deia.

ANDREA (a Bruno) - Eu sei, meu querido.

CARLA (a Andrea) - Sabe, mesmo?

BRUNO (a Carla) - Pode ter certeza, querida esposa: ela sabe.

ANDREA - Ali, ó: Möet e Chandom Rosè. Para uma ocasião especial, uma bebida única.

CARLA (a Andrea) - Você é formada em publicidade?

BRUNO - Perspicaz, mesmo, a minha esposa.

CARLA (a Andrea) - Vá tomar banho, querida. Estamos bem à vontade.

ANDREA (a Carla) - Eu percebi.

Risos.

ANDREA - Com licença.

BRUNO (a Andrea) - Tem toda.

Tempo. Andrea se dirige até a porta do banheiro. Entra.

CARLA (segredando) - Quanto custa uma garrafa dessas?

BRUNO - Quase tanto quanto o aluguel de seu Versace.

CARLA - Você não está achando tudo isso muito estranho?

BRUNO - Eu disse a você que seria.

CARLA - Eu só não imaginava que fosse tanto.

Carla serve as duas taças de champanhe.

BRUNO - Logo você que é tão perspicaz.

CARLA - Sabe uma coisa que eu detesto?

BRUNO - Posso tentar adivinhar ou essa é mais uma pergunta retórica?

CARLA - Não é necessariamente retórica, mas vamos combinar que seja.

BRUNO - O que é que você detesta, esposinha?

CARLA - Quando você me chama assim, no diminutivo.

BRUNO - Só se for na frente dos outros, né?

CARLA - Porque na intimidade você acha que eu gosto?

BRUNO - Tenho certeza.

CARLA - Ok. Mas na frente dos outros, não.

BRUNO - Eu sei que você não gosta.

CARLA - Então, por que...

BRUNO - Porque estou tentando te dizer algo subliminar.

CARLA - Como o quê?

BRUNO - Depende da situação.

CARLA - Tim, tim.

Brindam

BRUNO - Hoje por exemplo, quando eu te chamei de esposinha na frente de minha chefe, eu tava querendo dizer que você é uma escrota filha da puta que constantemente se acha melhor que eu.

CARLA - Tem outros exemplos?

BRUNO - Subliminares?

CARLA - Sim.

BRUNO - Às vezes quero significar, “como você é boba, meu deus...”, outras vezes, “adoro essa sua meiguice disfarçada de grosseria”. Ou o contrário.

CARLA - Quantas significações, meu bem...

BRUNO - É. Depende do contexto.

CARLA - Olha só, eu entendo todos. Sempre entendi. O que eu acho engraçado é que você se julga diversificado, inteligente, até, não é? Você se acha inteligente?

BRUNO - Você, não. Não é?

CARLA - Quer um exemplo? Vou continuar meu raciocínio. Você acha diversificadas suas mensagens subliminares e minha reação é sempre a mesma. Faça essa cara aqui, ó.

BRUNO - Faz mesmo.

Tempo.

BRUNO - Ah! Você quer que eu pergunte o que essa cara significa?

CARLA - Quero.

BRUNO - O que essa cara significa, minha esposinha linda?

CARLA - Que eu não estou nem aí pra você. Nem aí! Entende? Melhor: gosto de ler a coisa em sua superfície. Acho que pode ser uma espécie de carinho. Por isso, você tem razão: quando estamos só nós dois, eu gosto quando você me chama de esposinha, meu maridinho.

BRUNA - Mentirosa, minha esposinha...

CARLA - Tenho coisas mais importantes pra me preocupar do que você.

BRUNO - Por exemplo?

CARLA - Olhe aonde chegamos, porra! Nossa vida será uma antes e depois de hoje!

BRUNO - Você tem certeza?

CARLA - Porra! Muito bom esse vinho...

BRUNO - As coisas podem não ser assim tão simples...

CARLA - Caralho. Tinha alguma coisa no copo!

Cospe. Os dois se abaixam no chão para ver o que é.

BRUNO - Uma formiga!

CARLA - Tinha uma formiga no Chandom!

BRUNO - Não. No Chandom, não.

CARLA - Ela está morta?

BRUNO - Parece.

CARLA - Alguns bichos tem uma propriedade de fingirem-se de mortos diminuindo, conscientemente, o próprio metabolismo.

BRUNO - Mas eu acho que formiga, não.

CARLA - Eu matei ela?

BRUNO - Matei-a.

CARLA - Ah! Vai querer me corrigir agora?

BRUNO - Percebe como a gente muda constantemente de papéis nesse casal?

CARLA - Isto é uma proposta?

BRUNO - Acho que você matou ela, mesmo.

CARLA - Matei ela...

BRUNO - Porque a surpresa?

CARLA - É como se fosse um aviso.

BRUNO - Um aviso?

CARLA - Não tem mais volta, Bruno. Chegamos até aqui, duas horas da manhã, para negociar o acordo de nossas vidas com uma mulher sonâmbula. Estamos seminus e uma formiga morreu em minha boca. Entende?

BRUNO - Não.

CARLA - É. Nem eu. Ainda.

BRUNO - Disse a você: tenha paciência.

CARLA - Mesmo com formiga, esse vinho é bom pra caralho.

BRUNO - Tim, tim.

CARLA - Poderia morrer bebendo este vinho.

BRUNO - Morrer? Agora?

CARLA - Nunca!

BRUNO - Será que ela vai voltar rápido?

CARLA - Vem aqui, Bruno.

BRUNO - Aqui não, Carla.

CARLA - Fico com tesão quando fico de calcinha e sutiã.

BRUNO - Você está diferente...

CARLA - Diferente, como?

BRUNO - Também não estou me sentindo bem...

CARLA - Tesão, também?

BRUNO - Tinha alguma coisa no Chandom!

CARLA - Veneno?

BRUNO - Será que consigo chegar até a porta?

CARLA - Que porta?

BRUNO - Eu te disse pra não trazer flores!

CARLA - Que flores?

BRUNO - Porra! Me deu uma vontade fodida de comer flor...

CARLA - Cadê as flores, porra?

BRUNO - Que merda é essa? O chão tá líquido?

CARLA - Estou de olhos fechados?

BRUNO - Se eu gritar, vão ouvir dentro de meus ouvidos?

CARLA (uma gargalhada) - Calma, seu filho da puta. Você vai me derrubar.

BRUNO - Você é uma parede!

CARLA - Formiga?

BRUNO - Me segura, pelo amor de deus.

CARLA - Deita aí no chão, caralho. Não aguento você.

BRUNO - O que eu fiz para merecer isso, meu deus?

Carla começa a rir loucamente. De repente uma porta que abre lhes chama a atenção. De trás sai Andrea, paramentada como uma nobre da corte francesa de Luís XV, com uma taça de champanhe nas mãos. Durante o texto, Carla e Bruno também se vestem como nobres franceses.

ANDREA - Nada é fácil para nós. Como os santos. Temos, na sociedade que se jura casta e justa, uma missão: filtrar os piores sentimentos que um ser humano possa ter em relação

ao outro. Sim, nada será fácil para quem decide ser um de nós. Achincalhados nos programas de humor das televisões públicas, nas discussões de redes sociais, nossa classe se configura como um para-raios deste ódio público. Porque, se não houvesse a gente, seria contra si mesma voltada a ira social. Somos, portanto, a garantia de que as coisas permaneçam bem. Vivemos em um país que mata como nenhum outro. Degola, esfola, estupra. As visões de boa parte dos estrangeiros sobre o Brasil convertem-se numa metáfora interessante: somos uma selva. Repleta de assassinos e falsos mártires. Todo mundo é culpado. Porque até com a piedade se alimenta a ruína. E, ô povo para ter piedade, meu deus! Autocomiseração e culpa, eis como toda uma sociedade padece. Eis uma de nossas mais sublimes missões: provar que a culpa é um construto irrealista de uma sociedade que, por natureza, é vil. Somos um refúgio para o futuro da sociedade. Padecerão milhares, milhões, sob nossa falta de escrúpulos? Talvez. Mas o que é o escrúpulo senão outro construto? Milhões padecerão para que algumas centenas perpetuem-se. É quase bíblica a nossa missão. Haverá ainda milhões de anos antes que a estrela mais próxima exploda e ponha fim a toda nossa capacidade de abstração e todo o desejo. Até lá nos recuperaremos novamente, em número. E, de novo, nos dizimaremos. É o ciclo da vida em sociedade. Foi assim. Assim, será. Nós somos a ponta desse iceberg. A vanguarda da humanidade. Um brinde à nossa capacidade irrestrita de manipular o poder!!!

Carla e Bruno estão devidamente paramentados, bebendo. Brindam.

CARLA - Um brinde às ondas migratórias que difundem, co-

mo um vírus, a misérias nos bolsões de prosperidade econômica. Porque afirmam a necessidade da resistência. Apropriar-se do que é dos outros é resistir!

Brindam.

BRUNO - Um brinde ao poder e aos homens que o veneram mais que os valores cristãos e éticos que vomitam nos palanques, nos programas de televisão, nos púlpitos. À hipocrisia do poder. À nossa consciência!

Brindam

ANDREA - Eu brindo à educação tecnicista, que segrega. Humanas, exatas, biológicas, cada um cumprindo sua função social, enquanto as migalhas de sua produção abastecem fartamente as propinas que escorrem pelos nossos lábios. Um brinde à propina!

Brindam

BRUNO - Ao privilégio de haver privilégios!

Brindam

CARLA - À felicidade de existir a fartura!

ANDREA -

Bem lembradíssimo! Se dividíssemos o que nos sobra não haveria a fartura.

BRUNO - Um brinde à fartura!

Brindam. A partir daqui começam a trançar copos, a beberem na taça do outro, a trocarem carícias, beijos, lambidas. Começam a despir-se uns aos outros.

CARLA - À fartura dos sentidos!

BRUNO - Dos sentidos, sempre!

ANDREA - À fartura da carne!

CARLA - Da boa carne!

ANDREA - Isso!

BRUNO - A carne nobre!

CARLA - Nobre e rica e forte!

BRUNO - A elite é onde a pureza resiste.

ANDREA - A ponta de lança de um povo!

CARLA - Chega de povo! Aqui será nosso país. Um país feito de corpos e línguas.

ANDREA - Corpos e línguas e mentes...

BRUNO - Duas mulheres e um homem e seremos capazes de povoar toda a terra.

CARLA - Eu serei a vagina de deus!

ANDREA - Eu também!

BRUNO - Eu serei deus!

ANDREA (a Bruno) - Me preenche de vida, senhor!

CARLA - Deus não será suficiente para nós duas!

BRUNO - Somos três!

CARLA - Um deus e duas deusas!

ANDREA - De meu ventre nascerá uma nova raça. Uma raça mais afeita à vida de privações e reclusão. Vida desgraçada de números!

CARLA - Não é desgraça. É redenção.

BRUNO - A redenção dos corpos originais da criação. Pra povoar o mundo, Adão e Eva copularam muito, como bichos num cio eterno. Parindo e fodendo, parindo e fodendo. Incontáveis vezes! Não haverá proporção que nos sacie.

CARLA E ANDREA - Não haverá proporção que nos sacie!

BRUNO - Adão e Eva e Eva! Até nisso seremos mais eficientes que Deus!

ANDREA - Eva e Eva e Adão! Será uma nova era.

CARLA - Eva e Adão e Eva. Sou dada a simetrias.

BRUNO - Seremos mais eficientes que Deus!

CARLA E ANDREA - Seremos mais eficientes que Deus!

BRUNO - Lá fora, tudo é vácuo. Tudo se acabou. Um mundo todo se destruiu. No eco de nossa mais sagrada perversão. Estamos aqui começando tudo de novo. Não repetiremos os equívocos clássicos. Partiremos de um modelo. Lá fora, tudo é vácuo!

CARLA E ANDREA - Lá fora tudo é vácuo.

CARLA (a Andrea) - Tire a mão de meu marido!

ANDREA (a Carla) - Ninguém é de ninguém!

BRUNO - Nada se propaga no vácuo!

CARLA (a Bruno) - Bruno, tem um buraco no meu desejo!

ANDREA - Preenchamos de luxúria todos os nossos buracos!

BRUNO (a Andrea) - Os meus também?

CARLA (a Andrea) - Tira as mãos do corpo de meu marido!

ANDREA (a Bruno) - Os seus, primeiro!

CARLA (a Bruno) - Minha casa será seu corpo, meu amor!

ANDREA - Não há paredes nessa casa!

CARLA - Um pouco de privacidade e a total falta de razão!

BRUNO - Deus está contido nas coisas simples!

CARLA - Serei a buceta do mundo!!!

ANDREA (a Bruno) - Tira a mão da minha mulher!

BRUNO - Deus é grande, mas nós, pequenos...

CARLA (a Andrea) - Não sou sua mulher!

BRUNO - Ou será o contrário?

CARLA (a Andrea) - Você não existe na minha fantasia!

ANDREA - Faço festa onde eu quiser!

BRUNO - Esta fantasia é minha!

CARLA - É minha!

ANDREA - Sonhamos o mesmo sonho?

CARLA (a Andrea) - Fora do meu desejo, sua megera!

BRUNO - Tudo é vácuo! Tudo é vácuo!!

ANDREA (a Carla) - Eu não existo em teu vazio, desgraçada!

Os três estão novamente, seminus.

BRUNO (a Carla) - Me abraça, meu amor. Me protege. Me salva!

ANDREA - Não há mais salvação pra vocês!

Entra Rafael, com um balde d'água. Derrama-o sobre os três, com volúpia. Ele recolhe as roupas e entra com Andrea por uma das portas

CARLA - Cadê o meu Versace?

BRUNO - Tem alguma coisa na sua testa?

CARLA - É uma formiga?

BRUNO - Fica quieta...

CARLA - Vai entrar na minha boca?

BRUNO - Peguei. Era uma formiga.

CARLA - Caralho! Isto é um sinal, Bruno.

BRUNO - Sinal de quê?

CARLA - Você não percebe, porra? Estão nos fazendo de palhaços. Olhe pra si. Olhe pra mim? Este é só começo. Imagine onde iremos chegar!

BRUNO - Do que você está falando?

CARLA - Não sei! Não sei. É isto o que mais me assusta.

BRUNO - Você não precisa sussurrar, meu amorzinho.

CARLA - Tenho a exata sensação de estarmos sendo observados. O tempo todo.

BRUNO - Você está, meu bem. O tempo todo.

CARLA - Agora?

BRUNO - Agora. Aqui. Na portaria. Na varanda de nosso apartamento. No clube.

CARLA - Que merda você está me dizendo, Bruno?

BRUNO - Precisamos de toalhas...

CARLA - Estou falando com você, caralho!

BRUNO - Estar molhada não te incomoda profundamente?

CARLA - Detesto quando você me faz de imbecil, porra!

VOZ DE RAFAEL - Ele não está fazendo você de imbecil, Carla.

CARLA - O quê? Quem falou?

Rafael aparece num monitor de televisão.

RAFAEL - Cada palavra que vocês proferiram até agora foram registradas em nossos computadores. Cada respiração mais ofegante foi analisada por nossos softwares de compor-

tamento. Movimento de sobrelhas, hesitações corporais, o nível de seu suor. Vocês não estão simplesmente sendo observados. Estão sendo monitorados.

CARLA (a Bruno) - Você não deveria ter me dito isto, Bruno?

BRUNO (a Carla) - Não seja infantil, meu amor. Chegamos até aqui. Você acha que a gente escolheu? Que um dia decidimos durante o jantar: vamos enriquecer. E plum? Aparecemos aqui podendo mudar radicalmente nossa vida financeira? E de nossos filhos? E dos filhos de nossos filhos? Não é assim, meu amor. Fomos escolhidos. Preenchemos os principais pré-requisitos do Esquema. O Esquema é criterioso e assertivo. Você só deve obedecer.

CARLA (a Rafael) - Eles nos monitoram em casa, também?

RAFAEL (a Carla) - Em sua casa, no gabinete, no seu carro, no clube. O tempo inteiro.

CARLA (a Bruno) - Você sabia disto?

RAFAEL (a Carla) - Provavelmente conhecemos mais de você que você mesma, Carla.

CARLA (a Rafael) - Duvido.

Começam a passar cenas da juventude de Carla no monitor, da formatura, no velório do pai, cuspiendo no copo de uma amiga enquanto ela ia ao banheiro, etc. Cenas notadamente íntimas.

RAFAEL (a Carla) - Duvida? Duvida que saibamos que você se masturba encaixando a primeira dobra entre as falanges de seu dedo exatamente sobre seu clitóris? Fazendo uma leve pressão logo abaixo com a ponta dos dedos? Que você só goza assim, por si? Que na última primavera desejou a morte de sua própria mãe? Que já chupou o deputado dentro do gabinete?

BRUNO (a Carla) - Não se preocupe. Eu também já chupei o senador.

RAFAEL (a Carla) - Que tem medo de lagartixa? Que adora ganhar presente, embora finja que detesta? Que morre de vergonha de suas duas notas abaixo de “c” na sua graduação? Que chora nos especiais de Roberto Carlos? Que roubou uma maçã em Estocolmo numa banca sem vendedor? Que não sabe andar de bicicleta? Que ainda não teve coragem de fazer sexo anal, embora morra de vontade?

CARLA (a Rafael) - Chega!

RAFAEL (a Carla) - Seus últimos 15 anos estão registrados em nossa base de dados, Carla. Um imenso arquivo de imagens e exames. Aproveitamos dados de seu ginecologista, seu analista, seu dentista. Aqui você é conhecida como 12ponto223b.

BRUNO (a Carla) - Eu sou o 7ponto531. Cruzaram nossos dados. Deu nisso.

RAFAEL (a Carla) - Você é conhecida como o modelo perfeito, 12ponto223b.

CARLA (a Rafael) - Desliga essa porra dessa televisão!

Tempo.

CARLA (a Bruno) - Isto ainda é o efeito do Chandom?

BRUNO (a Carla) - Não seja estúpida...

CARLA (a Bruno) - Quem é você? Seu nome é Bruno mesmo?

BRUNO (a Carla) - 7ponto531. Somos de classes distintas.

CARLA (a Bruno) - Como assim, classes?

RAFAEL (a Carla) - Eu te peço um pouco de paciência.

CARLA (a Bruno) - Paciência o caralho! Eu quero sair daqui. Eu quero sair daqui.

Ela vai até a porta, que está trancada. Procura outras saídas.

CARLA - Socorro! Socorro!

RAFAEL (a Bruno) - Agarre a 12ponto223b, 7ponto531.

CARLA (a Bruno) - Quem é você? Não se aproxime de mim. Eu não conheço você! Eu não conheço você!

BRUNO (a Carla) - Fique quieta, Carla!

RAFAEL (a Carla) - Não seja histérica, 12ponto223b!

CARLA (a Rafael) - Carla! Meu nome é Carla!

RAFAEL (a Carla) - Tenho uma proposta, 12...

CARLA (a Rafael) - Carla! E histérico é o puto que te pariu!

RAFAEL (a Carla) - Tenho uma proposta, Carla: dou a vocês alguns minutos de privacidade. Você pergunta o que quiser para seu marido. Será importante, a partir de agora, que vocês confiem um no outro. Veja bem: não estou falando em amor. Menos ainda em atração. Estou falando de confiança.

CARLA (a Rafael) - Privacidade? Depois disso tudo quer que eu acredite que existe alguma possibilidade de privacidade para mim?

RAFAEL (a Carla) - Luz elétrica.

CARLA (a Rafael) - Como?

RAFAEL (a Carla) - A condição para espionarmos você era a existência de luz elétrica. Nossos furos em seu banco de dados são quase sempre em dias em que faltou luz. Aquele réveillon em Maresias, por exemplo.

CARLA - Ainda bem.

BRUNO (a Rafael) - Você está propondo desligar completamente a luz elétrica para que tenhamos um pouco de privacidade?

RAFAEL (a Bruno) - Um pouco. Se isto não for suficiente pra

você, não tenho mais como ajuda-los.

CARLA - Como assim?

BRUNO (a Carla) - Você pode me perguntar o que quiser. Não haverá mais nenhum segredo entre nós.

CARLA (a Rafael) - Você está me ameaçando?

BRUNO (a Carla) - Não. Ele não está te ameaçando, meu bem. Por favor!

RAFAEL - Peguem seus celulares.

Bruno pega os dois. Liga a lanterna deles.

CARLA (a Rafael) - Você é um subaltermozinho babaca! Tá pensando que eu tenho medo de você?

RAFAEL (a Carla) - Você não me provoca, 12ponto223b. Não ter medo de mim é o mínimo que eu esperaria de você.

BRUNO (a Rafael) - Por favor, desligue a energia.

CARLA (a Rafael) - Sou assessora especial do presidente da câmara dos deputados!

BRUNO (a Carla) - Cala a boca, porra!

RAFAEL (a Bruno) - Ela também não teme você, imbecil.

CARLA (a Rafael) - Nem você!

RAFAEL (a Carla) - Porque você é a modelo perfeita

BRUNO (a Rafael) - Pelo amor de deus, apaga essa luz!

CARLA (a Rafael) - Se você apagar essa luz...

BRUNO (a Carla) - Puta que o pariu!!! Pelo menos uma vez nessa merda dessa vida escrota, me escuta, caralho!!!

Tempo. As luzes se apagam. Um ilumina o outro com a lanterna dos celulares.

BRUNO - Meu amor, presta atenção: viemos longe demais. Não é possível desistir agora. Há muitos interesses e forças envolvidos nisso. Pensa em todos os nossos anos de sacrifício pra chegar até chegar até aqui. A que nos sujeitamos. O que planejamos. Não é pouco, meu amor. Nada foi fácil pra gente, você sabe mais que eu. Eu estava com medo, admito. Se alguém fosse arriar aqui, Carla, seria eu. Mas você?

CARLA - Você chupou o senador?

BRUNO - Fiz coisas piores.

CARLA - Tem certeza que não estão ouvindo a gente?

BRUNO - Tudo o que ele falou é verdade, Carla.

CARLA - Eu não quero ir embora. Resolvi fazer um teatro pra que as coisas se esclareçam mais rapidamente.

BRUNO - Você é uma excelente atriz.

CARLA - Nunca te amei mais do que agora.

BRUNO - Você me amou algum dia?

CARLA - Nunca. Só agora.

BRUNO - Sua vez.

CARLA - Há quanto tempo você veio aqui?

BRUNO - Umas 12 semanas.

CARLA - Eu detesto essa sua mania de dividir o tempo em semanas.

BRUNO - Eu sei.

CARLA - Quando você se casou comigo você já sabia que eu era 12ponto6...

BRUNO - 12ponto223b.

CARLA - Porque esse b?

BRUNO - Eu já sabia.

CARLA - Porque esse b?

BRUNO - Não sei.

CARLA - Ele disse que eu era a modelo perfeita.

BRUNO - Você é.

CARLA - O que significa isso?

BRUNO - Sei pouco.

CARLA - Fale o pouco que você sabe.

BRUNO - Eles nos classificam. Cruzam nossos dados. Há, como ele disse, câmeras com sensores infravermelhos, mais acesso a exames, opiniões de especialistas. Eles têm um levantamento bastante criterioso e técnico a nosso respeito. Aí condicionam os cruzamentos a determinadas variáveis, que eu desconheço, aplicam alguns axiomas, e o resultado é o nome pelo qual passam a nos tratar. Pelo que entendi, no entanto, nunca ninguém tinha atingido doze mil duzentos e vinte e três.

CARLA - E você não sabe mesmo porque o b?

BRUNO - Não faço ideia, caralho.

CARLA - Eu sou doze e você é sete?

BRUNO - Sim.

CARLA - Sou cinco pontos a mais que você?

BRUNO - Yes.

CARLA - Yes!

BRUNO - Você tem razão.

CARLA - Como assim?

BRUNO - Também nunca te amei mais do que agora.

CARLA - Agora, agora?

BRUNO - Você nunca desconfiou de nada?

CARLA - Talvez. Mas nunca fui de dar trela pra minha intuição.

BRUNO - Mais alguma coisa que você queira saber?

CARLA - Não. Você?

BRUNO - Daqui a dez anos podemos estar presos. Pelas consequências que este encontro pode gerar. Você está preparada?

CARLA - Até agora não consegui decorar o meu número. Qual é mesmo?

BRUNO - Você está entendendo a grandiosidade do que está por vir?

CARLA - Tenho cinco pontos a mais do que você!

BRUNO - Nada garante que essa matemática deles proceda.

CARLA - Prefiro você assim: arrogante.

BRUNO - A luz deve voltar daqui a pouco. Você está preparada?

CARLA - Você está com medinho?

BRUNO - Prefiro você assim, sarcástica.

CARLA - Sarcástica de calcinha e sutiã?

BRUNO - Hoje é o principal dia de nossas vidas, caralho!

CARLA - Tá ficando excitado, maridinho?

BRUNO - Acabou a vida de escravidão!

CARLA - Você vai ser um escroto delicioso!

BRUNO - Você é muito mais escrota que eu!

CARLA - Cinco vezes mais!

BRUNO - Adoro foder uma escrota!

CARLA - Será que dá tempo antes da luz voltar?

A luz volta.

BRUNO - Não.

Quando a luz volta, Andrea e Rafael estão paramentados como na corte francesa, cada um com uma taça vazia na mão.

ANDREA - Iluminar este mundo escuro. Colorir este mundo fosco. Nosso discernimento, nossa assertividade, nossa moral. Somos a classe que vai salvar o mundo da ruína. Da ruína dos desejos medianos. Sem ambição, nada floresce. Se a gramínea não almejar a encosta, se a gota d'água não sonhar furar a rocha, se a célula do tumor não desejar ser corpo, nada viceja. Nem a morte. Este mundo é viável só nas coisas que se impõem. Somos a vanguarda da espécie. Não tenho dó daqueles que sucumbem nas migalhas de meu consumo, fosse lhes dada a oportunidade e eles seriam eu. Não há dúvida. Todo mundo quer ser mais. Todo mundo quer ter mais: dinheiro, poder. A humildade é a arrogância dos fracos. Não tenhamos vergonha de nossa superioridade. Extorquimos a plebe? Também viemos de lá. É a ordem natural das coisas. O direito dos mais fortes. Crianças morrem de fome no eco de nossa euforia consumista? Que morram. Padecer, enfim, também é uma escolha. Muitos de nós nasceram na miséria. Galgamos cada centavo de nossa fortuna. Lembrar da infância é remexer uma pequena dor. Alguns de nós juram que, em determinados aspectos, até poderíamos ser mais felizes lá, naquele quadro pintado por nossa memória, pés no chão de terra batida, cães, piolhos e ratos. A desgraça de disputar espaço com bichos. Mas a leveza de uma vida sem estresse. Estão enganados. A pobreza não é leve. Os símbolos de minha nobreza, mimos de mulher, custam mais que a casa de meus empregados? Bom para meus empregados. Temos mais de vinte nesta casa. Vinte pessoas. Têm certeza que somos egoístas? Não tenho vergonha de minha fortuna. A vergonha não é leve. É mais fácil um camelo passar pelo buraco da fechadura que um rico entrar no reino dos céus? Ninguém melhor que nós para entender essa metáfora hedionda, o reino dos céus. Porque tudo é poder. Achas que,

orando, irás garantir lá o que te falta aqui? Continua rezando, imbecil. Só quem, como nós, tem a consciência que aqui é a plenitude dos sentidos, faz o que fazemos sem culpa. É preciso gozar a existência. Para gozar a existência, é fundamental a fartura. Se for farto, é caro. Não nos culpe pela pujança de nossa fortuna. Inveja-nos, mas mais como quem admira do que como quem abomina. Porque somos bons. E é a isto que quero brindar hoje, à nossa bondade. À importância de nossa existência para o bem da sociedade contemporânea. O equilíbrio que não tem nada de precário. Proponho um brinde a nossa potência! Este misto de competência e oportunidade. Sorte e habilidade social. Não é fácil, mas é bom. A nós!

Neste momento Carla e Bruno estão novamente paramentados como na corte francesa, cada um com uma taça na mão.

BRUNO (confidenciando a Carla) - Tem uma formiga dentro de sua taça.

CARLA - Caralho!

Tira a formiga da taça.

RAFAEL - Providencialíssimo este brinde, hoje em que recebemos, para também tornarem-se “nós”, Bruno De la Costa Albergarria e Carla Fettucchio Albergarria, pessoas que, neste ambiente vultuoso, estão prestes a perderem seus nomes, renunciarem sua ética, para assumirem-nos como modelo ou como família, sangue de nosso sangue, pronome pessoal: Nós.

ANDREA - O cheiro do sangue. A viscosidade específica. Eu

quero sangue.

RAFAEL - É de livre e espontânea vontade a presença de vocês a esta mesa? A este lar?

CARLA - Absolutamente.

BRUNO - Sim.

ANDREA - Sangue denso, sangue farto...

RAFAEL - Estão cientes da grandiosidade deste ato?

CARLA - Ainda não...

BRUNO - Sim. Estamos. Eu e ela.

RAFAEL - Estão?

CARLA - Um brinde à consciência!

ANDREA - À consciência das coisas viscosas...

BRUNO (a Rafael) - Ela esta apta.

CARLA (a Andrea) - Quais coisas viscosas?

RAFAEL (a Bruno) - Ela, eu sei que está.

ANDREA (a Carla) - Que te escorrem pelo desejo...

BRUNO (a Rafael) - Está desconfiando de mim?

CARLA (a Andrea) - Consegue me ouvir nesse estado?

RAFAEL (a Bruno) - Não se confia num 7.

ANDREA (a Carla) - Chega mais perto...

BRUNO (a Rafael) - Se estou aqui hoje...

ANDREA (a Carla) - Mais perto...

BRUNO (a Rafael) - É porque tenho a convicção que posso evoluir.

RAFAEL (a Bruno) - Pois, você não pode.

ANDREA (a Carla) - Você tem cheiro de flor...

BRUNO (a Andrea) - Flor? Qual flor?

CARLA (a Bruno) - Não sei bem se ela nos entende...

ANDREA (a Bruno) - Você, não.

RAFAEL (a Carla) - Também acho que você tem cheiro de flor...

BRUNO (a Rafael) - Ela nos entende?

CARLA (a Rafael) - E espinhos.

ANDREA (a Bruno) - Desvia teus olhos de mim...

RAFAEL (a Bruno) - A gente se entende?

CARLA (a Rafael, apontando para Bruno) - A gente se entende.

ANDREA (a Rafael) - Quem é este plebeu em meu lar?

BRUNO (a Carla) - Plenamente...
Bruno dá um selinho em Carla.

ANDREA (a Rafael) - Como ousa macular tão abjetamente a moça com cheiro de flor?

RAFAEL (a Bruno) - Afaste-se dela, por favor!

CARLA (a Andrea) - Ele não me macula.

BRUNO (a Rafael) - Pronto.

CARLA (a Andrea) - Eu o permito.

RAFAEL (a Andrea) - Ainda aceitas o livre arbítrio, minha senhora?

BRUNO (a Carla, segredando) - Não estou gostando nada disto.

ANDREA (a Rafael) - Dentro das paredes de meu lar...

CARLA (a Bruno) - Imbecil!

ANDREA (a Rafael) - Não existe o livre arbítrio!

CARLA (a Bruno) - Não existe privacidade aqui dentro!

ANDREA (a Carla) - Isto! Nem privacidade!

BRUNO (a Rafael) - Ela dizia o quê?

CARLA (a Andrea) - É incrível como nos identificamos, Deia...

RAFAEL (a Bruno) - O quê, o quê?

ANDREA (a Carla) - Andrea.

BRUNO (a Rafael) - Que não existe o livre arbítrio?

CARLA (a Andrea) - Desculpe. Andrea.

ANDREA (a Bruno) - O livre arbítrio existe.

RAFAEL (a Bruno) - Mas não pra qualquer um.

ANDREA (a Bruno) - Pelo menos não pra você!

CARLA (a Rafael) - O que você quer dizer com 'qualquer um'?

BRUNO (a Andrea) - Achei que você estivesse mentalmente alterada...

RAFAEL (a Carla) - Não estou falando de você...

ANDREA (a Bruno) - Estás caçoando de mim, insolente?

CARLA (a Rafael) - Você acha mesmo que eu tenho algo especial?

BRUNO (a Andrea) - Deia! Sou eu, o Bruno!

RAFAEL (a Carla) - Tenho certeza.

ANDREA (a Bruno) - Andrea, para você!

CARLA (a Rafael) - Por quê?

BRUNO (a Andrea) - Que teatro é esse, Deia?

RAFAEL (a Carla) - O algoritmo nunca falha.

ANDREA (a Bruno) - Andrea!!!

RAFAEL (a Carla) - O ser humano é falível.

BRUNO (a Andrea) - Que teatro é esse, Andrea?

RAFAEL (a Carla) - A matemática, não.

ANDREA (a Bruno) - Isto não é teatro, plebeu!

CARLA (a Rafael) - Mas eu sou um ser humano!

BRUNO (a Andrea) - Então abandona esta personagem!

RAFAEL (a Carla) - Você tem certeza?

ANDREA (a Rafael) - Corte a cabeça deste homem!

CARLA - O quê?

BRUNO (a Andrea) - Deia... Andrea! Você está louca?

CARLA (a Andrea) - Que foi que ele fez?

RAFAEL (a Andrea) - Você tem certeza, minha senhora?

ANDREA (a Rafael) - Quero a cabeça deste ser imundo numa bandeja de prata!

CARLA (a Bruno) - Você não percebe que ela está blefando?

RAFAEL (a Carla) - Ela não está blefando!

BRUNO (a Andrea) - Que merda é essa, Andrea? Todos esses anos servindo a você como um laçao, um animal de estimação, por algo que você me garantiu que me seria entregue aqui durante este teatro macabro! Esta encenação medíocre! Esta personagem sem sentido!

RAFAEL (a Bruno) - Maneira seu tom, imbecil! Sua escravidão não é responsabilidade de Andrea. Sua escravidão é por que é função dos laçaios servir. Como ratos de laboratório.

BRUNO (a Andrea) - É isso que eu fui pra você até agora, Andrea? Um rato de laboratório?

RAFAEL (a Bruno) - Pior!

BRUNO (a Rafael) - Não perguntei pra você!

ANDREA (a Rafael) - Eu não falo com desqualificados!

RAFAEL - Mas eu falo!

Rafael revela uma arma. Tensão. Tempo.

ANDREA (a Bruno) - Agora eu sou Salomé...

BRUNO (a Carla) - Vamos embora daqui...

ANDREA (a Bruno) - E você será meu João Batista!

RAFAEL (a Bruno) - Não se atreva a dar nem mais um passo...

CARLA (a Andrea) - Ele é o meu João Batista!

BRUNO (a Andrea) - Chega dessa palhaçada!

ANDREA (a Carla) - Nós o dividiremos.

BRUNO (a Rafael) - Abaixei essa arma...

ANDREA (a Carla) - Eu fico com a cabeça.

RAFAEL (a Bruno) - Você não está em condições de pedir nada por aqui.

ANDREA (a Rafael) - Mata. Corta a cabeça. Traz pra mim.

CARLA (a Bruno) - Ela não está blefando.

BRUNO (a Carla) - Me ajuda.

Tempo.

BRUNO (a Carla) - Querida, pelo amor de deus... me ajuda. Foi tão difícil chegarmos aqui, você sabe. O sacrifício que eu... digo, que nós... Carla, não acredito. Sem mim, você não seria nada, você sabe. Sem mim você continuará sendo nada.

CARLA (a Bruno) - Sou cinco pontos a mais do que você...

BRUNO - Andrea, todos esses anos... Carla, eu pensei que... Eu posso evoluir, não é possível... Perdão, eu peço perdão por... por... peço perdão não sei por que, mas peço! Desculpa, Andrea, Carla, eu não queria... eu... eu... Socorro! Socorro!

Sai correndo, mas Rafael o atinge com um tiro.

BRUNO (morrendo) - Não... eu não creio... vocês são todos iguais... vocês não sabem o que é o Esquema... o Esquema é a escória da humanidade... Ai! Esse tiro tá me queimando por dentro, uma dor sem igual, mas sabem o quê? Uma felicidade tal e qual... Porque vocês me salvaram... me salvaram de me tornar vocês... Carla, eu sempre soube. Você sempre foi melhor que eu, mas sabe o que mais? Sabe o que mais?...

Carla toma o revólver das mãos de Rafael.

CARLA - Não sei e não quero saber!

Ela dá outro tiro nele. Tempo longo.

CARLA - Vamos direto ao ponto. Vim aqui pra isso. Quero isso.

ANDREA - O cheiro delirante do sangue fresco!

RAFAEL (a Carla) - Segura ela!

Com ímpeto Andrea debruça-se sobre o corpo de Bruno e chupa seu sangue.

RAFAEL (a Carla) - Eu mandei você segurá-la!

CARLA (a Rafael) - Usei de meu livre arbítrio.

RAFAEL (a Carla) - Você sabe quem é essa mulher?

CARLA (a Rafael) - Sei. Um pouco.

RAFAEL (a Carla) - Você não sabe de nada.

Andrea rosna.

CARLA - Que merda é essa?

Rafael retira do bolso uma coleira e a coloca, com dificuldades, no pescoço de Andrea. Andrea, com o rosto todo sujo do sangue de Bruno, parece um cachorro louco.

ANDREA - Corpo! Corpo! Mulher! Rasga! Só eu! Sai daqui! Minha casa! Matar! Mulher contra mulher! Corpo! Corpo, lar do próprio corpo!

Fica repetindo estas palavras, mas quase ininteligíveis entre

rosnar e cuspir, talvez latir. Carla e Rafael precisam gritar.

CARLA - Segura ela, porra!

RAFAEL - Você está com medo, 12ponto223b?

CARLA - O que você fez com ela?

RAFAEL - A mistura de sangue humano com nossa bebida geneticamente modificada dá nisso. Principalmente em mulheres. Principalmente em vocês...

CARLA - Nós?

RAFAEL - Vocês têm mais coisas em comum do que você pode supor.

CARLA - Não tenho nada em comum com essa monstra. Ai!

RAFAEL - Não quer admitir a própria monstruosidade?

CARLA - Não!

RAFAEL - Isto eu não esperaria de você...

CARLA - Segura ela, porra!

RAFAEL - Não se preocupe, 12ponto223b. Se a soltasse agora, eu apostaria em você.

CARLA - O que eu tenho em comum com essa aberração?

RAFAEL - Esquece seu medo. Relaxa seus instintos. Olha pra ela.

CARLA - Você está louco?

RAFAEL - Não seja covarde. Se aproxime dela. Olha bem para seus olhos.

Lentamente Carla se aproxima de Andrea.

RAFAEL - Veja bem, isto não é selvageria. Selvageria é a prática espúria praticada todos os dias nos corredores de hospital público, nas filas de subemprego, nos lixões. Está provado: prive um rato de comida e ele se alimenta da própria cria. Se não houvesse essa gente disposta a evoluir a espécie com a pujança do dinheiro público e tudo seria selvagem. Este é o estado mais avançado de nossa evolução. Admire-a. Inveja-a. Queira-a. Porque, no fim, é o que será feito de você. Você está preparada para a pujança, 12ponto223b?

CARLA - Quem é essa mulher?

RAFAEL - Ela é a 12ponto223a!

Tempo.

RAFAEL - Pega!!!

Rafael solta Andrea e ela ataca Carla. As duas se enfrentam ferozmente. Rafael vai até a boca de cena e grita.

RAFAEL - Não será fácil vender sua alma. Quanto custa sua dignidade? Você já se corrompeu hoje? Qual o seu preço? O

que você está disposto a pagar em nome da cumplicidade com o poder? O corrupto mais chulé, o bandido de colarinho branco mais vil é exatamente igual a você. A similaridade é o que confirma nosso principal traço humano. É por isso que nos definimos: porque somos iguais. Quem critica o próximo, macula a si mesmo. Bíblico demais? Não se iluda, poder e religião são primos. Siameses! Em nome de deus, pode-se tudo. Seja deus aquela personalidade de barba do imaginário público, ou o dinheiro. Quem se está celebrando nas animadas cerimônias de ofertas das igrejas? Deus está contido na oferta. Deus é a oferta. Apócrifo demais? E quem disse que a hipocrisia não é necessária à ordem das coisas? Deus existe e não existe. Salva e não salva. Suponhamos, por exemplo, essas duas mulheres que se engalfinham aqui atrás de mim. Dispostos das informações de cada uma delas recolhida até aqui, vocês seriam capazes de tecer alguma preferência? Vamos observar a luta por alguns instantes para que vocês possam escolher. Cinco segundos. Pronto. Quem escolheu Andrea levanta as mãos. Cada um de vocês pense aí numa justificativa plausível. Agora, quem escolheu a Carla. Justifiquem-se para vocês mesmos, não é necessário que se manifestem. Obrigado. Viram, como é simples. Quando a gente escolhe que uma vença, a gente escolhe que outra se foda. Qualquer escolha é uma espécie de condenação. E se é assim, tão inexorável, pra que a culpa, minha gente? A culpa é a avó de deus. Agora, me deem licença, porque, independente de pra quem eu torça, não posso permitir que a outra se foda. Pelo menos não agora.

Ele vai até o banheiro. Barulho de chuveiro. Elas continuam brigando. Carla pede socorro, mas está quase se impondo à selvageria de Andrea. Rafael retorna com um balde d'água e

molha Andrea, acertando Carla em cheio. Tempo longo. Rafael tira o corpo de Bruno. Carla passa mal. De repente vomita. Andrea sente nojo, mas depois olha para o vômito.

ANDREA - Você vomitou formigas...

CARLA - Que merda é essa?

ANDREA - Centenas de formigas...

CARLA - Que gosto horrível!

ANDREA - Você come formigas?

CARLA - Elas é que me comem. Por dentro.

ANDREA - Que horror!

CARLA - Horror, por quê?

ANDREA - Essa imagem romântica besta, essa frase de efeito.

CARLA - Não há nenhum efeito aqui. Olha! Eu vomitei formigas!

ANDREA - Se elas estivessem te comendo por dentro, você estaria morta, sua imbecil!

CARLA - Que bom que as vomitei, não é mesmo?

ANDREA - Bom pra quem?

CARLA - Pra mim.

ANDREA - E pra mim? Você vomitou formigas na minha sala.

CARLA - É pra isso que existe o dinheiro.

ANDREA - Pra quê?

CARLA - Pra limparem sua sala pra você.

ANDREA - Tenho muito mais dinheiro que você, portanto...

CARLA - Ah! É! Você é a 12ponto223a, né?

ANDREA - Como você sabe disso?

CARLA - Você não se lembra de nada que ocorreu nos últimos minutos?

ANDREA - Como você já sabe o meu código?

CARLA - Porque eu sou a 12ponto223b.

ANDREA - Mentira!

CARLA - Já não me pergunte o que é verdade e o que é mentira neste circo.

ANDREA - Não seja hipócrita! Sei muito bem o que você está fazendo aqui hoje.

CARLA - Então me conta!

ANDREA - Cadê Bruno?

Começa um barulho de serrote.

CARLA - Você é tão ignorante quanto eu...

ANDREA - Ignorante é a puta que te pariu!

CARLA - Meu marido está morto.

ANDREA - Eu sabia.

CARLA - Você viu?

ANDREA - Não sou ignorante, meu bem.

CARLA - Você estava em pleno domínio de sua consciência, então?

ANDREA - Estava escrito.

CARLA - O quê estava escrito?

ANDREA - Seu marido precisava morrer hoje.

CARLA - Por quê?

ANDREA - Porque ele sabia demais. Há um limite para a consciência dentro do Esquema.

CARLA - E eu?

ANDREA - Eu não sabia que de fato existia a 12ponto223b.

CARLA - Isto se chama ignorância.

ANDREA - Ignorância muito conveniente para o Esquema...

CARLA - Sou uma ameaça para você?

ANDREA - Você se surpreenderia com a sofisticação das ações dentro desta organização.

CARLA - Sou uma ameaça para você?

ANDREA - Então o alvo não era o Bruno. O objetivo não era atraí-lo e mata-lo. O objetivo era você!

CARLA - Porque não me responde?

ANDREA - Precisamos trabalhar juntas.

CARLA - Por quê?

ANDREA - Somos uma ameaça uma pra outra.

CARLA - Como assim?

ANDREA - Seu marido foi morto!

CARLA - Eu vi.

ANDREA - Você não sofreu?

CARLA - Um pouco. Mas bem pouco.

ANDREA - Você é uma ameaça pra mim.

CARLA - Eu sei.

ANDREA - Saia da minha casa.

CARLA - Não quero trabalhar com você.

ANDREA - Duas mulheres num mundo de homens. Não percebe o quanto isto é forte?

CARLA - Uma mulher é mais.

ANDREA - Quanta arrogância... quanta prepotência...

CARLA - Tanto quanto você, 12ponto223a!

ANDREA - Em breve eles estarão aqui dentro.

CARLA - Eles já estão aqui dentro.

ANDREA - Do que você é capaz?

CARLA (apontando a própria cabeça) - Eles já estão aqui dentro.

ANDREA - Não me subestime...

CARLA - Sou capaz de tudo pelo prazer do poder. Comi toda a merda do mundo em nome disso. Sim, estou preparada.

Com a minha idade você também substituiu alguém ultrapassado e decrépito?

ANDREA - Ah! Então você acha que veio aqui me substituir?

CARLA - Dizem que o poder envelhece...

ANDREA - É uma droga. A gente sabe que faz mal, mas é uma delícia.

CARLA - Depois, a romântica sou eu...

ANDREA - Como assim?

CARLA - Viver envelhece!

ANDREA - Não me subestime, garota...

CARLA - Sim, eu acho que vim te substituir. Me monitoram há muitos anos. E, mais: aposto que não só me observaram, mas me moldaram. Um professor de história, uma colega da faculdade, o Bruno... Tenho quase certeza: interferiram em minha vida de forma sofisticada e fina. Meu deus! Tudo faz sentido...

ANDREA - Vendo você assim me dá até uma nostalgia...

CARLA (falando para as câmeras de segurança) - Estão ouvindo? Estou preparada. Agradeço e felicito vocês. Vocês são ótimos. Estou impressionada. E, olhem que sou arguta e perspicaz...

ANDREA - Arguta e perspicaz...

CARLA (idem) - Sim, senhores. Estou preparada. Que se cumpra sua vontade e o meu destino. Haverá apenas uma 12ponto223.

Andrea gargalha. Entra Rafael, trazendo uma mesa com rodas, com uma garrafa de Chandom, 2 copos e, no centro, a cabeça de Bruno. Andrea e Carla tiram o figurino da corte francesa e vestem tailleur de executivas.

RAFAEL - Você tem toda razão, 12ponto223b: você realmente é arguta e perspicaz.

CARLA - Porque essa imbecil está rindo, então?

ANDREA (a Carla) - Preferiria que eu chorasse, b?

RAFAEL (a Carla) - Sua versão foi bastante interessante.

ANDREA - Eu achei engraçada.

CARLA (a Rafael) - Como assim, minha versão?

RAFAEL (a Andrea) - Eu percebi que você achou engraçada, meu amor...

CARLA (a Rafael) - Pode me responder, por favor?

ANDREA (a Carla) - Porque você acha que está aqui para me substituir?

RAFAEL (a Carla) - Outra de suas qualidades é ser criativa...

CARLA (a Andrea) - Tenho certeza.

ANDREA (a Carla) - Tem?

CARLA (a Rafael) - Tenho?

RAFAEL (a Carla) - De certo modo, sim...

ANDREA (a Rafael) - Quero deixar claro que eu acho lindo o fato dela ser criativa...

CLARA - Ai, meu deus... Não estou gostando nada dessas evasivas...

RAFAEL (a Carla) - Porque você achou que iria substituir Andrea?

ANDREA - Eu já tinha perguntado isto...

CLARA (a Rafael) - Sou boa em RPG.

RAFAEL (a Carla) - Andrea é a principal articuladora política desse país. Em sua mesa de negociação passaram os homens – na maioria eram homens, daí também uma importância de gênero em sua função – mais poderosos do Brasil. Dos partidos mais influentes, das grandes corporações, das estatais, do sistema financeiro, da imprensa, do judiciário, uma legião dos advogados mais proeminentes desse país...

CARLA - O Esquema...

RAFAEL (a Carla) - Não houve um presidente eleito nos últimos anos que não tenha se sentado com ela, aqui mesmo, nesta sala. A maioria dos governadores, todos os senadores, a maioria dos deputados, apenas os prefeitos das capitais mais influentes, que também não perderíamos tempo com pequenos poderes. É necessário, também, deixar as migalhas para os ratos.

ANDREA - E, ô país pra ter rato...

RAFAEL - Todas as grandes obras públicas, as principais concessões, as reviravoltas políticas mais absurdas, todas passaram por ela...

ANDREA - Todas...

RAFAEL (a Carla) - E você acha mesmo que pode substituí-la?

CARLA (a Andrea) - Você quer ser substituída, a?

ANDREA (a Carla) - Até que não seria má ideia, b.

CARLA (a Andrea) - Fazemos assim: te acompanho nos próximos anos. Em toda negociata eu estarei contigo. Serei sua secretária. Depois irei evoluindo aos olhos de seus parceiros. Até que você tenha direito a férias em Mônaco. Você gosta de Mônaco?

RAFAEL (a Carla) - Não.

CARLA (a Andrea) - Que seja. Direito a férias onde você qui-

ser.

ANDREA (a Carla) - Mas a pouco você disse que não queria trabalhar comigo...

RAFAEL (a Andrea) - Ela é perspicaz e arguta, meu amor...

CARLA - Eu posso sair daqui? Vocês permitam que eu saia?

RAFAEL (a Carla) - Não vai me dizer que é covarde...

CARLA (a Rafael, quase gritando) - Eu posso negociar como ela. Até melhor. Sou mais nova. Usarei de todas as armas possíveis. Seduzirei, chantagearei, extorquirei em nome do Sistema.

RAFAEL - Do Esquema.

ANDREA (a Carla) - Melhor do que eu?

CARLA (a Andrea) - Claro! Eu sou a 12ponto223b!

Andrea gargalha.

CARLA (a Rafael) - Porque ela está rindo agora?

RAFAEL (a Carla) - Está rindo de você.

ANDREA (a Carla) - Sabe a que se referem esses números, imbecil?

CARLA (a Andrea) - Não permito que riam de mim, ouviu?

ANDREA (a Carla) - Mas você é tão engraçadinha...

RAFAEL (a Carla) - O que você daria pelo Esquema, Carla?

ANDREA (a Carla) - O que você daria pelo Esquema, 12ponto223b?

CARLA (a Rafael) - A que se referem esses números?

ANDREA (a Carla) - Tem certeza que quer saber?

CARLA (a Andrea) - Eu daria tudo pelo Sistema!

ANDREA (a Carla) - Esquema! Porra!

RAFAEL (a Carla) - Você é perfeita!

CARLA (a Rafael) - Perfeita pra quê???

ANDREA (a Rafael) - Conta pra ela a que se referem os números, meu amor...

RAFAEL (a Carla) - O algoritmo que produziu seu número, 12ponto223b, é uma série coordenada de operações matemáticas que compara suas características fisiológicas mais marcantes às de Andrea. É um cálculo complexo. Leva em consideração o DNA de seus pais e avós maternos, sua condição social. É necessário que digamos, inclusive, que o teste de histocompatibilidade entre vocês era tão elevado que pensamos tratarem-se de parentes. Para uma pessoa ser compatível com a outra é necessário uma compatibilidade superior a 99%. Isto, normalmente, só é viável entre consan-

guíneos. Vocês duas, no entanto, tem uma compatibilidade superior a 99,7%. Praticamente um milagre...

CARLA (a Rafael) - Historiocompatibilidade???

RAFAEL (a Carla) - Histo. Histocompatibilidade.

CARLA (a Rafael) - E isto significa exatamente que...

ANDREA (a Carla) - Tive um ano muito difícil, meu amor.

CARLA (a Andrea) - E eu com isso?

ANDREA (a Carla) - Você, que é tão perspicaz, ainda não entendeu o que você tem a ver com isso, 12ponto223b?

CARLA - Por favor, me deixem sair daqui.

RAFAEL (a Carla) - Passamos recentemente por turbulências fatais junto ao Esquema. As recentes operações da polícia federal e do ministério público contra operações fraudulentas em estatais, atingiram o coração de nossas operações mais rentáveis.

ANDREA (a Carla) - O coração, entendeu?

CARLA - Eu não sei de nada. Não vi nada.

RAFAEL (a Carla) - Abalada, pressionada, acuada por uma gente de baixíssimo nível, capaz de tudo...

ANDREA (a Carla) - Tudo, tudo...

CARLA - Meu marido, meu ex-marido morreu num acidente doméstico...

RAFAEL (a Carla) - O coração de nossa principal articulista não suportou a pressão.

ANDREA (a Carla) - Miocardiopatia primária...

CARLA - Pelo amor de deus, me deixem sair daqui...

RAFAEL (a Carla) - Do que você seria capaz pelo Esquema, 12ponto223b?

CARLA (a Rafael) - Irei para o interior, ninguém nunca mais ouvirá falar de mim, por favor!

ANDREA (a Carla) - Preciso de seu coração, meu amor...

CARLA (a Andrea) - Pelo amor de deus, Andreia, me deixa viver! Sumirei do mapa. Hoje mesmo. Não voltarei à minha vida. Morrerei!

ANDREA (a Carla) - Você já morreu, meu bem...

CARLA (a Andrea) - Heim?

Rafael aciona o monitor de vídeo. Surge a imagem de Carla.

CARLA (no monitor) - Hoje porei fim à minha vida, a minha alegria. Não tenho escolha. Uma tristeza profunda me invade o peito. Aos que amo e me amam, agradeço. Adeus.

Tempo.

CARLA - Vocês editaram...

ANDREA - Bom esse software, né?

RAFAEL (a Carla) - O que você daria pelo Esquema, 12ponto223b?

CARLA (a Rafael) - Nada! Nada, ouviu? Não daria nada pelo Esquema. Nem um fio de cabelo do meu cu!

ANDREA (a Carla) - Você não tem escolha, sua imbecil!

RAFAEL (a Carla) - O Esquema exige sacrifícios...

CARLA (a Rafael) - Meu, não!

ANDREA (a Carla) - Você reparou na arma que colocamos sobre a mesa? Computação gráfica. Com ela você deu um tiro nos miolos.

CARLA (a Andrea) - Qual arma? Essa aqui, ó?

Mostra a arma. Tensão.

RAFAEL (a Carla) - Por favor, não faça nada que...

ANDREA (a Carla) - Não seja estúpida.

CARLA - Ser ou não ser?

RAFAEL (a Carla) - Me dá aqui essa arma, 12ponto...

CARLA (gritando) - Carla!!!

RAFAEL (a Carla) - Carla... Me dá essa arma, senão...

CARLA (a Rafael) - Cala a boca!!!

Tempo. Tensão extrema.

CARLA - Vocês dois são ridículos. Sim, eu sonhava estar no coração no Esquema. Só não imaginava nem desejava que eu fosse o coração do Esquema. Sim, o poder me atrai, até a inconsciência. Eu sempre soube ter perfil para ser mais. Ter mais. Esse casamento ridículo, as negociatas primárias a que tive acesso, era tudo muito pouco pra mim. Eu sei a fortuna que esse país produz debaixo dos paletós de nossos políticos mais chulés. Andrea, sua imbecil, sempre ouvi falar de você. Como eu queria te conhecer, meu deus... Como! Eu perguntava pro Bruno qual era o seu perfume, a marca de seu sapato, como você tinha prendido o cabelo naquele dia. Você era meu modelo perfeito. Continuarei viva dentro de você? Meu coração será o seu? No fim, a gente tem é que ter muita responsabilidade com o que deseja. Desejei isto, embora de outra forma. Mas, fazer o quê? Deus escreve certo por linhas tortas... Mas, sabe o quê? Não quero ser seu coração. Não me interessa. O que é um coração sem um cérebro. Sou uma mulher perspicaz. Arguta e perspicaz... Pra gente como eu o coração não tem essa valia simbólica que tem para os sensíveis. Era, aliás, como eu imaginava você, Andrea. Seca como um metal. Impenetrável e rígida. Ah! Como estava enganada, meu deus. Olha aí você suplicando um coração. Poético isso,

né? Rafael, eu sou uma mulher determinada, acho que isso se prevê também em meu algoritmo, não é? 12ponto223b. Eu daria tudo pelo Esquema. Minha vida, minha profissão, meu casamento, meus desejos, minha convicção, minha ética, minha reputação. Tudo. Daria tudo pelo Esquema. Menos meu coração.

Dá um tiro no próprio peito.

ANDREA - Não!!!

Tempo longo.

RAFAEL - O que é isto?

Aproximam-se dela.

RAFAEL - Formigas... dezenas, centenas, milhares...

ANDREA - Tire esse corpo daqui. Limpe essa sala. Imediatamente!

Durante o próximo texto, Andrea toma Chandom e devaneia, dançando. Rafael tira o corpo de Carla da sala e limpa toda a bagunça, com água e um pano de chão. A Cabeça de Bruno abre os olhos.

CABEÇA DE BRUNO - Não, isto não é uma fábula com homens e mulheres submetidos à condição de bichos, bichos da política. Não existe a menor diferença entre um senador e você. Perdão, não leiam isto pelo lado moral, como se quiséssemos perverter sua opinião a ponto de rebaixá-la. Se não

fosse a paixão pelo poder, a espécie humana já teria desaparecido há muito. O poder é uma condição biológica de existência. Sim, o ser político, para tanto, faz uma espécie de sacrifício. Ok, é um sacrifício regado a Chandom, mas é no desgaste intestinal que este sacrifício cobra a integridade moral abnegada destes seres abjetos. Ninguém sofre mais de câncer no intestino que político. É a lei natural das coisas. Não é necessário que ninguém sinta dó. Já dissemos que nosso fim aqui não é moral? Parece moral? Perdão. A moral é tão viciante quanto o drama. Deixem-me, portanto, ser mais específico. Em alguns instantes, vocês saberão que nada disso existiu. Sim, isto aqui é teatro, a condição de existência disso tudo é fugaz. Um lapso, porque nossa imaginação é fértil (e isto é bom, admito, mas é fértil pra caralho). Daí, concluímos duas coisas: este nosso lapso não é um retrato da vida. Antes, uma aquarela pintada com cores mais densas, maior quantidade de tinta. E, segundo, nosso olhar modifica as coisas. Experimentos de física quântica já o provaram. O que quero dizer com isso: dependendo de quem você é, do lugar em que você está, o mundo simbólico é outro. Quer um exemplo? Um trombadinha amarrado no poste. O que isto significa pra você? Um pai de família amarrado no poste. Mas, não se importe. Nada aqui é verdadeiramente importante. Se você for professor, técnico de contabilidade, ou deputado federal, não faz a menor diferença. Repito, não queremos comprovar nada. Quem é pior? Quem corrompe? Quem é corrompido? Não nos interessa. Isto é tudo uma cadeia vil e natural. É da natureza humana ser corrupto. Ah! Finalmente. Uma moral da história. Será mesmo? Veja bem, somos os criadores do que aqui se narrou, mas os sentidos intrínsecos, as relações pessoais, os pormenores estéticos, tudo isso foi realizado por você. Você, espectador, no conforto de sua pol-

trona. O que queremos dizer com isso? (Perdão, sei que falo no plural quando quero parecer mais enfático, mas o discurso precisa dessas firulas para parecer necessário. No fundo não o é. Nem um pouco). Que a moral é um problema seu. Nossos personagens são simples. Simples como você. Tudo bem, nem tanto. Sabemos como o drama reforça os significados. Mas não há nada de extraordinário nisso. Como? Um esquema que monitora praticamente a vida toda de uma mulher apenas para transplantar o coração de sua líder? Isto é extraordinário? E aquela senhora que se casou por amor? Aquele senhor que se jogou do quinto andar? Aquele poema sobre a saudade? Isto não é extraordinário? O simples fato de estarmos habituados, não tira das coisas o seu absurdo. Em todo caso, ou é tudo extraordinário ou nada é. Compreendem?

Rafael já arrumou toda a cena e agora está levando a cabeça de Bruno para fora, as últimas frases são somente ouvidas.

CABEÇA DE BRUNO (gritando mais à medida que vai sendo levada) - Nada importa. E olhem quem fala: a cabeça do homem que fui. Perdão, novamente. Para mim não há mais esperança. Isto o que falei agora, não existe. Desconsiderem tudo. O autor é uma praga maldita. Ele tenta infiltrar-se nas mínimas brechas para fazer-se ouvir. É tudo vaidade e insegurança. Não se sente verdadeiramente representado pelos personagens que cria. É também um exercício de poder. Como somos incoerentes! Eis a nossa maior beleza. Foda-se a lógica! Se não fosse a adoração pelo poder, seríamos piores que porcos. O poder nos salva! O poder nos salva!!!

Tempo. Som de campainha. Tempo. Campainha novamente.

Entra Rafael vestido de mordomo. Abre a porta. Entram Bruno e Carla.

BRUNO - Boa noite.

RAFAEL - Por favor, entrem. A senhora já os espera.

BRUNO - Obrigado. Por favor, meu amor.

Surge Andrea.

ANDREA (a Bruno) - Bruno, meu querido...

BRUNO (a Andrea) - Olá, Deia, tudo bem. Esta aqui é a minha esposa. Carla.

ANDREA (a Carla) - Olá, Carla. Finalmente nos conhecemos.

CARLA (a Andrea) - Olá, Andrea...

ANDREA (a Carla) - Deia. Me chame de Deia.

CARLA (a Andrea) - Bruno sempre fala que somos muito parecidas...

BRUNO - São mesmo.

ANDREA - Por favor, sentem-se aqui.

CARLA (a Andrea) - Obrigado, querida...

ANDREA (a Carla) - O deputado também falou muito bem

de você...

BRUNO (a Andrea) - O deputado precisa levantar a mão pro céu por ter uma assessora como Carla.

CARLA - Quer saber? Precisa mesmo.

ANDREA (a Carla) - Olha! Mais uma coisa em que somos parecidas.

CARLA (a Andrea) - A competência?

ANDREA (a Carla) - A falta de modéstia...

BRUNO - Parecidíssimas...

ANDREA - Querem beber alguma coisa?

CARLA (a Andrea) - Eu aceito.

BRUNO (a Andrea) - Acha que viríamos à residência da principal articuladora política desse país e não beberíamos nada?

ANDREA - Rafael, por favor. O Møet e Chandom Rosè Imperial, por favor. Que este casal merece.

CARLA (a Andrea) - Bonito aquele quadro. O que é?

ANDREA (a Carla) - Rembrandt.

BRUNO (a Andrea) - Autêntico?

ANDREA (a Bruno) - O que você acha?

CARLA (a Andrea) - Eu acho que você tem um enorme bom gosto...

BRUNO (a Andrea) - O senador mandou este bilhete pra você, ó.

ANDREA (a Bruno) - Esse senador não presta...

CARLA - Eu que o diga.

BRUNO - O deputado também não.

CARLA - Impossível amar esses homens...

ANDREA - Ruins no amor, ótimos no jogo.

BRUNO - Quem diria né? Quando começou a degola, parecia que esse povo todo estaria no fim...

CARLA (a Andrea) - Você não teve medo, Andrea?

ANDREA (a Carla) - Medo de quê?

CARLA (a Andrea) - De ser presa?

ANDREA (a Carla) - Presa por quê?

BRUNO - Ora, ora, minhas queridas. Já está chegando nosso Chandom. Vamos brindar à nossa parceria. A partir de hoje

nossas noites serão mais cheias, mas nossas contas bancárias também.

ANDREA (a Carla) - Sou a pessoa mais honesta desse mundo, minha querida.

CARLA (a Andrea) - Eu sei e tenho muito orgulho de poder dividi-la contigo...

ANDREA (a Carla) - A honestidade?

BRUNO (colocando a bandeja sobre a mesa) - Deixa que eu sirva...

CARLA (a Andrea) - Sim...

ANDREA (a Carla) - Não seja tola. A honestidade é individual e simples. Não se divide.

CARLA (a Andrea) - Haviam me dito que você era assim, mesmo.

BRUNO - Assim, como?

CARLA (a Bruno) - Perspicaz. Arguta e perspicaz.

ANDREA (a Carla) - Nem tanto quanto pareço. Preste atenção nisto, garota. Pode ser muito importante pra você: você é o que você comunica.

CARLA (a Andrea) - Desculpe-me, Andrea. Sei o limite de nossas funções e o quanto este limite nos protege. No fundo

não praticamos crime algum. Mas, nesse país, sabemos, não basta o direito estar de nosso lado. Faltará sempre o poder.

ANDREA (a Carla) - A partir do momento que você entrou por aquela porta hoje, minha querida, você está do lado certo. Não te falta mais nada.

BRUNO - Hei, meninas! Ainda estou aqui, lembram-se?

ANDREA (a Bruno) - Está?

CARLA - Parece.

BRUNO - Estou e proponho um brinde ao poder.

ANDREA - Um brinde ao poder!

Brindam. Bebem. Sentem um imediato mal estar. Reclamam. Rafael toma o centro da cena e, enquanto fala, abre um corte no braço e seu sangue escorre. Os três atores correm para chupar seu sangue. Rafael coloca, em cada um, uma coleira e uma corrente de cachorro. Eles se transformam em feras. Será necessário que Rafael grite.

RAFAEL - Como se vê, a coerência não é uma de nossas virtudes. Dissemos que isto não seria uma fábula? Como evitar? Existe animal mais contraditório que o ser humano? Ratos, porcos, burros... A história inteira da humanidade se resume a um passeio no zoológico. Uma verdadeira fábula, essa nossa história. Quase teatro infantil. Mas, alguém questionará: Vocês não estavam falando de política? Estamos. O tempo inteiro. O homem é um animal político. Quando um irmão

mais novo quer arrebanhar um pedaço de carne mais suculento que o mais velho, o que ele fez? Quando um adolescente quer compensar ter sido apanhado batendo punheta depois de um banho de 50 minutos? Toda nossa vida é dedicada à formação do ser político mais sórdido. Dizem que política não é profissão... Não é mesmo. É natureza. Política é a arte da disputa no campo das ideias. Junte-se arma e sangue e vira guerra. Eis o devir mais nobre da política: o sangue. Há certo determinismo no universo político. Uma condição hereditária (e talvez seja esta sua condição mais degradante, seu telhado de vidro, calcanhar de Aquiles). Pais e filhos a serviço do bem (no sentido da graça) comum, se utilizando do bem (no sentido da propriedade) público. Não é arte pra qualquer um. É preciso ter um tanto de sorte e outro tanto de ambição. É por isso, exatamente por isso, que só nos cabe admirar o ser político. Este bicho feito de bÍlis e bosta. Que fede, mas que veste terno e gravata. Ah! Mas você dirá: estes três aí não são nada frente a aquele que manda matar o irmão do presidente destituído e que não é descoberto. Nem daquele que derruba o avião do ministro do supremo. Nem daquele que usurpa o poder. Presidente sem voto. Fedor e bolor. Carne podre. Sim, estes aqui são as formigas que lhes carregam o piano. Os contadores e secretários e escriturários e advogados e funcionários públicos por onde as migalhas escoam. Mas é isto (ou você achou mesmo que evitaríamos uma bela e boa lição de moral?): do presidente, passando por eles, até chegar a você, a linha é uma só. Não é possível lamentar a ética dele, sem lamentar a de toda a humanidade. Cada um de nós, e é óbvio que me incluo, é assim. Assim, ó: animal selvagem. Duvida. Pega!!!

Solta os três atores. No momento em que eles avançam com

brutalidade para a plateia, cai bruscamente a luz.

DRAMATURGIA DE JULLIANO MENDES

- 12ponto223b
- Amores e dores no país das flores
- Coração de Porco – Édipo em 4 estações
- Edvards e as Mortes
- Delírios de Will ou como chupar os ossos de Shakespeare
- Histórias nas Paredes
- Nelson Rodrigues
- O Queijo – Uma comédia sórdida
- Uma novela masculina
- Um homem jogado no sofá ou uma mulher que saiu por aquela porta

Projeto viabilizado com recursos da Lei Aldir Blanc/MG, através da Secretaria Estadual de Cultura e Turismo de Minas Gerais.

Download gratuito de todas as obras: www.jullianomendes.com
(Julliano com 2 L's)